

**MODELOS E TRADUÇÕES:
A VERSÃO DO CHASTEL PÉRILLEUX DO MS. PARIS, BnF, FR. 1882**

MARGARIDA MADUREIRA

Universidade de Lisboa

Mereceu até hoje pouca atenção a versão do *Chastel périlleux* transmitida pelo ms. fr. 1882 da BnF. Para além da editora do tratado original de frère Robert, a Irmã Marie Brisson¹, apenas se interessaram por ele autores que estudaram a tradução portuguesa contida no Cód. Alc. 199: devem ser referidos os trabalhos pioneiros de Mário Martins² e, em tempo recente, de Elsa M. Branco da Silva³. Esta indiferença não causa estranheza: substancialmente refundida e acrescentada de novos textos, a versão transmitida pelo referido manuscrito perde em qualidade estética e coerência ideológica quando confrontada com a redacção do monge cartusiano. Isto sem contar que a transcrição, numa escrita por vezes ilegível, contém numerosos erros e lacunas. O seu único motivo de interesse parece residir, assim, no facto de apresentar um texto muito próximo do que serviu de modelo à tradução alcobacense.

Deve-se à Irmã Marie Brisson a identificação do manuscrito francês mais próximo da tradução portuguesa. Estes dois textos distinguem-se do tratado composto por frère Robert não apenas por uma maior brevidade e um esforço de adaptação do discurso textual a um público que abranja tanto religiosos como leigos — tendência inscrita, no entanto, já noutros manuscritos⁴ —, mas também pela adição de um conjunto de outros «tratados» sobre cuja proveniência, ainda hoje, quase nada se sabe. Daí a designação de *Tratados Cartusianos*, que em tempos Mário Martins atribuiu a esta nova «obra». Designação imprópria, como se verá, mas que utilizarei à falta de melhor. Na verdade, toda a informação recolhida até este momento se limita ao segundo tratado, dedicado aos doze frutos da Eucaristia. O estudo dos diversos manuscritos que nos transmitiram o *Chastel périlleux* revelou que dois deles — Paris, BnF, fr. 1879 e Paris, Arsenal, 5121 — contêm igualmente uma versão deste texto. O primeiro destes manuscritos identifica mesmo o respectivo autor, «maistre Guymbart

¹ «Castelo Perigoso, version portugaise du *Chastel périlleux*», *Romania*, 89, 1968, pp.256-266. A edição do texto segue o ms. London, British Museum, Add.32623: *A Critical Edition and Study of Frere Robert (chartreux), Le Chastel périlleux*, Salzburg, Universität Salzburg-Institut für Englische Sprache und Literatur, 1974, 2 vols. (Analecta Cartusiana, 19-20).

² Nomeadamente, «O Castelo Perigoso, na sua forma original e numa adaptação francesa», *Brotéria*, 60, 1955, pp.36-43; «O Castelo Perigoso em português e no original de Frei Roberto», *Brotéria*, 61, 1955, pp.291-296; e «Os Sete tratados cartusianos do cód. CCLXXVII/199, de Alcobaça», Braga, Livraria Cruz, 1956, pp.159-182.

³ Elsa Branco da Silva é responsável pela edição do texto português, analisando, na introdução, a sua relação com o modelo francês: *Castelo Perigoso*, Lisboa, Edições Colibri, 2001.

⁴ Foi M. Martins o primeiro a identificar esta orientação em algumas das refundições, as quais transformaram o texto, segundo as suas palavras, «num livrinho para leigos» (veja-se os dois artigos publicados na *Brotéria* indicados na n.2). Para além da versão que analiso e da respectiva tradução portuguesa, contam-se entre os manuscritos que seguem esta orientação: Paris, BnF, fr. 1009, Bibl. Mazarine, 946 e Phillipps 3640 (cf. M. Brisson, *op. cit.*, p.68). Elsa B. da Silva analisa as marcas que a adaptação do texto a um público mais diversificado deixa na tradução portuguesa (*op. cit.*, pp.33-37).

de Laon». Apenas Marie Brisson desenvolveu alguns esforços no sentido de dar um referente a este nome, mas sem sucesso⁵. Não se trata, contudo, de um desconhecido. Guymbart de Laon, ou melhor, Guiard de Laon (ou ainda Guiard de Cambrai, como indicam alguns manuscritos), é uma figura de relevo na pregação francesa da primeira metade do século XIII: o *Repertorium* de Schneyer discrimina 406 sermões latinos da sua autoria⁶. Nascido por volta de 1170 no Laonnais, Guiard de Laon foi capelão de Robert de Châtillon, tendo-o substituído frequentemente no exercício das suas funções quando este se tornou bispo de Laon, em 1212. Regente na Universidade de Paris provavelmente desde 1222, mais tarde chanceler da mesma universidade (1237-1238), foi nomeado bispo de Cambrai em 1238, lugar que ocupou até à sua morte dez anos mais tarde. P. C. Boeren consagrou-lhe um estudo de grande fôlego nos anos cinquenta, no qual editou não apenas o sermão (pois é de um sermão que se trata) transmitido pelos dois manuscritos parisienses acima referidos, como a própria versão dos *Tratados Cartusianos* do ms. fr. 1882 que aparentemente o refunde⁷.

A semelhança de estrutura destes dois textos que desenvolvem o tema dos doze benefícios da Eucaristia não deixa qualquer dúvida sobre a existência de uma relação entre eles, mesmo se o processo de refundição eliminou aspectos específicos de um texto destinado à pregação, nomeadamente o tema (no sermão, Mt. 7,17: «Arbor bona bonos fructus facit»⁸). Assim, os benefícios correspondem, de um modo geral, nas duas versões (ainda que com exceções)⁹. Porém, a partir do momento em que se aprofunda o confronto dos textos, ressaltam igualmente importantes divergências, inscritas a vários níveis. Atentemos, por exemplo, na enunciação do benefício, o qual estabelece o tema desenvolvido nas linhas que se seguem, de forma, aliás, muitíssimo mais abreviada (limitada à citação de umas quantas *authoritates*) no tratado do que no sermão: como disse, na maior parte dos casos, existe correspondência entre os dois textos, ainda que a ordem dos 3º e 5º frutos se ache invertida, a versão dos *Tratados Cartusianos* coincidindo com a de traduções em neerlandês e em alemão do mesmo sermão¹⁰. O mesmo não se pode, contudo, dizer em relação à letra

⁵ «Castelo Perigoso...», p.264; cf. igualmente Elsa M. B. da Silva, *op. cit.*, p.23, n.19.

⁶ *Repertorium der lateinischen Sermones des Mittelalters: für die Zeit von 1150-1350*, Münster, Aschendorff Verlag, 1970, t.2.

⁷ *La Vie et les œuvres de Guiard de Laon*, La Haye, Martinus Nijhoff, 1956: pp.310-319 e 341-344. A edição do sermão transcreve a versão do ms. Saint-Quentin, BM, 86(75), acompanhada das variantes do ms. Paris, BnF, fr. 1879, os únicos que Boeren conhecia. Para uma lista das versões deste texto, veja-se a comunicação que apresentei no V Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada (Universidade de Coimbra, 1-4 de Junho de 2004), «As Línguas da pregação: os XII frutos da Eucaristia de Guiard de Laon» (no prelo).

⁸ Um confronto com outros textos que integram o ms. fr. 1882 da BnF, que conservam no tema os vestígios da sua primeira destinação oral, torna bastante verosímil a hipótese de que esta eliminação já tivesse tido lugar na fonte utilizada pelo compilador dos *Tratados Cartusianos*. Veja-se, por exemplo, os dois tratados referentes às penas do Inferno e às alegrias do Paraíso: pela extensão, pela complexidade da reflexão e do próprio discurso, bem como pela unidade que constituem entre si, resultam visivelmente da refundição num tratado destinado à leitura e à meditação individual de textos inicialmente utilizados na pregação, sem que tal tenha, no entanto, implicado a supressão dos temas respectivos. Para versões latinas destes sermões, as referências mais importantes encontram-se em B. Hauréau, *Notices et extraits...*, t. V, pp.24-55; t. VI, pp.64-65. Schneyer, *Repertorium...*, t.I, p.497, n.º320; t.V, p.329, n.º39-40; t. IX, p. 197, n.º27-28; e t.IX, p.209, n.º35-36.

⁹ Cf., em anexo, o quadro que apresenta a formulação dos benefícios da Eucaristia nos vários manuscritos que colaciono nesta comunicação (Quadro I).

¹⁰ Boeren, *op. cit.*, p.133, n.l.

dos dois textos, cuja redacção diverge por vezes de forma muito sensível na enunciação do mesmo benefício: são, por exemplo, recorrentes as variações lexicais (cf. Quadro I: 2º fruto, 5º do tratado-3º do sermão, bem como os 7º, 10º e 11º benefícios); para além disso, o texto mais recente apresenta frequentemente formulações mais amplificadas do que o sermão de Guiard de Laon (cf. Quadro I, 4º, 6º, 8º e 12º frutos).

Significativas são também as diferenças no que respeita às *auctoritates* citadas. Os dois textos contêm um número muito aproximado de citações: excluindo prólogos e epílogos, a que correspondem discursos demasiado diferentes para poderem ser comparados, à roda de uma vintena cada, com ligeira vantagem para a versão do tratado. No entanto, destas, apenas três são comuns a este último e ao sermão de Guiard de Laon, e ainda assim com acentuadas divergências no que respeita às opções de tradução (cf. Quadro II). As diferenças entre os dois textos são acentuadas pela tendência do tratado a limitar o desenvolvimento de cada fruto à citação de *auctoritates*, excluindo a maior parte dos *argumenta* e os exemplos contidos no texto destinado à pregação¹¹. A versão mais tardia oferece, deste modo, um texto simultaneamente mais conciso e mais denso.

As dissemelhanças verificadas entre a redacção do ms. fr. 1882 e o sermão em francês antigo do futuro bispo de Cambrai levam a colocar a hipótese de o modelo do segundo tratado cartusiano não ser o sermão *Arbor bona*. A hipótese é confirmada quando se compara o primeiro destes textos com um outro sermão, este em latim, também da responsabilidade de Guiard de Laon, transmitido por um manuscrito proveniente da abadia cisterciense de La Cambre e actualmente propriedade da Biblioteca Real de Bruxelas: o ms. 8609-20. Boeren não pôde tê-lo em conta no estudo que dedicou a este pregador por se tratar de uma descoberta posterior¹². Apesar das evidentes analogias com a versão em francês antigo, o texto latino não só obedece a um outro tema (Ap. 22, 2: «Et ex utraque parte fluminis»), como diverge dele de forma muito sensível ao nível da estrutura e do detalhe do desenvolvimento específico de cada fruto. Os argumentos que a partir da natureza dessas divergências, mais do que do seu número, me levam a sustentar a autonomia da redacção destes dois textos foram expostos noutra local¹³. A questão é marginal à problemática que me ocupa nesta comunicação, não tendo, por isso, qualquer interesse retomá-la. Importa, isso sim, analisar os resultados da comparação entre o sermão do ms. 8609-20 da BRB e o tratado adicionado à versão refundida do *Chastel périlleux*. A desproporção no que respeita à extensão dos dois textos é notável. É inegável, no entanto, que, no que retém (essencialmente, o benefício e um conjunto pouco extenso de *auctoritates*), o ms. fr. 1882 oferece um discurso literalmente muito próximo da versão latina. Uma nova consulta do Quadro I permite explicar por uma grande fidelidade da versão incluída nos *Tratados Cartusianos* ao texto modelo — uma fidelidade ao nível da própria letra — não apenas muitas das opções lexicais que diferem das do sermão *Arbor bona* (cf. 2º fruto: «assout»-«absolvit»; ou 7º fruto: «commanssacion de mieux» / «mudaçom em melhor»-«in melius commutatio»¹⁴),

¹¹ Assim, não constam da versão mais recente nem o *exemplum* da dama de Acre (5º fruto), nem a analogia do açor (9º fruto).

¹² Para o texto deste sermão, não recenseado por Schneyer entre os sermões de Guiard de Laon, cf. A. Ampe, «Een Oud Florilegium Eucharisticum in een Veertiende-Eeuws Handschrift», *Ons geestelijk Erf*, 31, 1957, pp.301-324.

¹³ Cf. «As línguas da pregação...», referido em nota anterior.

¹⁴ A comparação com o texto latino mostra que é a tradução portuguesa que contém aqui a boa lição, como aliás sucede noutras ocasiões (cf. Elsa. B. Silva, *op. cit.*, pp.22-31).

mas também formulações que, em relação ao sermão em francês antigo, aparecem como amplificações (cf. 4º, 6º, 9º e 12º benefícios).

Quanto às citações, uma comparação não permite dúvidas em relação a uma maior convergência com o manuscrito de Bruxelas do que com o sermão francês: das vinte e uma *auctoritates* citadas no tratado, catorze, isto é, dois terços, constam já da redacção latina. Mais: as citações em comum com o sermão *Arbor bona* encontram-se todas elas também no sermão latino sobre os doze frutos da Eucaristia (cf. Quadro II). Poderá, então, ser este considerado o modelo da tradução que se segue à versão refundida do *Chastel*? A hipótese é consentânea com os dados que fornece a colação referente aos primeiros oito frutos, bem como ao último. Quanto aos três restantes (9º-11º), se conservam ainda por inteiro a correspondência na enunciação do fruto, divergem profundamente nas *auctoritates* citadas — o que equivale, no caso da refundição incluída nos *Tratados Cartusianos*, a todo o desenvolvimento do benefício. Assim, das nove citações contidas nesta última, apenas duas coincidem com o passo correspondente no sermão latino¹⁵. A resposta à pergunta acima colocada só pode, por consequência, ser negativa. Mas a comparação dos dois textos não resulta, por essa razão, menos rica de ensinamentos. Ela proporciona, como veremos, certos indícios que permitem formular algumas conjecturas sobre as técnicas de trabalho do refundidor do tratado transmitido pelo ms. fr. 1882 da BnF e, de modo mais geral, sobre o modo como certas características textuais podem, *ou não*, ser reveladoras da função social inscrita nos textos.

Na verdade, a comparação entre o ms. 8609-20 da BRB e o segundo tratado cartusiano permite dar alguma consistência à hipótese de na origem deste último texto se achar um modelo latino. Resta saber se o compilador o terá utilizado como fonte directa ou se terá recorrido a uma versão já traduzida. Alicerçar a argumentação na detecção de vestígios latinos no discurso textual está, à partida, fora de causa: em qualquer caso, não restam dúvidas em relação à língua original do modelo. E dúvidas houvesse, dificilmente elas poderiam ser esclarecidas por este meio, tendo em conta a matéria religiosa sobre que incidem estes textos: recorde-se que a maior parte do discurso do tratado sobre os doze frutos é ocupado com citações de *auctoritates*, obviamente latinas. Resta, pois, a hipótese de fundar uma convicção na convergência de indícios. Por outras palavras: quais as características dos modelos utilizados no resto da compilação que, na versão original atestada pelo *Castelo Perigoso*, compreendia um total de sete¹⁶, para além de umas «heures en latin» (f. 51 r.) atribuídas a um Papa João não identificado, explicitamente excluídas da tradução portuguesa por se tratar de um texto em verso.

As minhas investigações reportam-se, neste momento, apenas a esta oração, a qual precede imediatamente a refundição do tratado sobre os doze frutos da Eucaristia. Trata-se

¹⁵ Existe uma outra versão latina de um sermão sobre os XII frutos da Eucaristia, igualmente atribuído a Guiard de Laon, que conhecemos por intermédio de dois manuscritos em tempos pertencentes ao fundos da Sorbonne, pelo que podemos associá-los ao período em que aquele pregador leccionou na Universidade de Paris. Este texto não nos é, contudo, de nenhuma utilidade: não só obedece a um outro tema (Is. 55,2: *Comedite bonum*), como corresponde a uma versão muito sumária: contempla apenas oito frutos, cujo desenvolvimento é reduzido a um número mínimo de citações. Para além disso, não se verifica nenhuma coincidência entre este texto e o do *Chastel périlleux* nos momentos em que divergem do manuscrito de Bruxelas. Para uma edição desta versão, veja-se ainda Boeren, *op. cit.*, pp.328-332.

¹⁶ Faltam dois destes tratados na redacção francesa que chegou até nós (cf. Elsa B. da Silva, *op. cit.*, p.31).

de umas Horas da Cruz, género cuja estrutura assenta na evocação dos vários momentos da Paixão de Cristo em cada uma das horas canónicas correspondentes. A sua presença em livros de devoção (saltérios, livros de Horas), não sendo essencial, é muito regular¹⁷. É curioso notar que num dos manuscritos (um saltério) que nos transmitiu o sermão *Arbor bona* — London, British Museum, Harley 2930 — este texto é igualmente precedido de umas Horas da Cruz, que formam com ele uma unidade que se destaca do conjunto pela própria língua utilizada, o francês, face ao latim que domina no manuscrito¹⁸. O texto é, porém, sensivelmente diferente do que segue, no ms. fr. 1882, o tratado de frère Robert.

A identificação do Papa João que o compilador dos *Tratados Cartusianos* tinha em mente não oferece grande dificuldade: trata-se de João XXII, sumo pontífice entre 1316 e 1334, num tempo em que a Cúria romana fora transferida para Avignon. Na verdade, o ms. Paris, BnF, lat. 754 contém umas Horas da Cruz, cuja autoria atribui explicitamente a este papa: «Incipit officium S. Crucis editum per dominum papam Joannem XXII, qui omnibus dicentibus unum annum indulgentiae concessit»¹⁹. Uma comparação com a oração que antecede o tratado sobre os doze frutos da Eucaristia não deixa dúvidas quanto à identidade dos dois textos, mesmo se esta não é a versão seguida pelo refundidor do *Chastel périlleux*. Conheço do ms. Paris, BnF, lat. 10535 as horas de prima e de terça²⁰, a partir das quais concluo apresentar este uma redacção mais próxima do modelo utilizado pelo tradutor. Igualmente próxima é a versão contida no ms. Paris, BnF, fr. 1869, que acompanha a glosa em francês da citação do texto original em latim que aquela explicita e amplifica. As divergências ao nível da letra são justificáveis pela clareza que visa toda a tradução medieval, a qual é compreendida como interpretação e explicação do texto-modelo. Associando o texto latino à respectiva glosa francesa, o ms. fr. 1869 é bem revelador deste propósito de diluição e interpretação atribuído à tradução medieval.

¹⁷ Para os livros de Horas, veja-se, por exemplo, Nicole Bériou, Jacques Berlioz e Jean Longère (eds.), *Prier au Moyen Age: pratiques et expériences (V^e-XV^e siècles)*, Turnhout, Brepols, p.36.

¹⁸ Cf. Judith Oliver, *Gothic Manuscript Illumination in the Diocese of Liege (c.1250-c.1330)*, Leuven, Uitgeverij Peeters, 1988, t. 2, pp.266-268; e «'Je pecherise renc grasces a vos': Some French Devotional Texts in Beguine Psalters», in Douglas David Roy Owen e Peter Rolfe Monks (eds.), *Medieval Codicology, Iconography, Literature, and Translation. Studies for Keith Val Sinclair*, Leiden-New York-Köln, E. J. Brill, pp.248-262. O texto acha-se registado em Keith V. Sinclair, *French Devotional Texts of the Middle Ages: a Bibliographic Manuscript Guide. First Supplement*, Westport-London, Greenwood Press, 1982, correspondendo aos n.ºs 3968, 4070, 3903, 3901, 3902, 3905, 3900, 3923 e 3885. *Incipit*: «Beau duz sire Jhesu Crist ke por seyntifier le curs de nostre vie ke est par set ures [...]». Conhecemos esta versão por intermédio de dois outros manuscritos: Porto, BM, 619 e Metz, BM, 535, o qual continha igualmente o sermão *Arbor bona*. Tendo este último sido destruído durante a segunda guerra, apenas temos acesso parcial ao seu conteúdo por intermédio do artigo que lhe consagrou Paul Meyer, «Notice du ms. 535 de la Bibliothèque Municipale de Metz renfermant diverses compositions pieuses (prose et vers) en français», *Bulletin de la Société des anciens textes français*, 12, 1886, pp.41-76.

¹⁹ Cit in Valois, *Histoire littéraire de la France*, Paris, Imprimerie Nationale, 1915, XXXIV, p.533, n.3. O mesmo autor indica, para esta oração, os seguintes manuscritos: Paris, BnF, lat. 10535, ff. 74-80; Roma, Barberini, XXXI, 11; Veneza, S. Marcos, cl. II, 46 e 48; Carpentras, n.º 98, f. 284; Avignon, n.º 111, f. 129; e Bamberg, B 111, f. 3. A oração acha-se recensada em: *Repertorium Hymnologicum* de Ulysse Chevalier (Louvain, Société des Bollandistes, 1841-1923, 6 vols.), onde o *incipit* corresponde ao n.º 14726 (var. n.º 14725: «Patris sapientia, veritas divina, I/Christus homo»); e *Analecta Hymnica Medii Aevi*, Leipzig, O. R. Reiland, 1898, t.30, n.º13.

²⁰ Paul Meyer transcreveu-as na introdução de *Daurel et Beton, chanson de geste provençale*, Paris, Firmin Didot, 1880, p.cx. Não pude consultar este manuscrito por se achar em mau estado.

As Horas da Cruz atribuídas ao Papa João XXII foram por diversas vezes traduzidas e glosadas em francês. O *incipit* corresponde ao n^o976 do repertório de Sonet («Jesus qui est la sapience / De Dieu le pere glorieux...») ²¹, o qual indica os seguintes manuscritos: Amiens, BM, 201, ff. 3r.-14r.; Paris, BnF, fr. 5661, ff. 1r.-7r., e 24436, ff. 157r.-159r. Este último explicita a respectiva autoria em termos que ecoam o *incipit* do manuscrito latino acima citado: «Cy commencent les Heures de la croiz aus quellez le pape Jehan XXII^e donna .j. an et .xl. jours de vray pardon a quelconquez persone qui par devotion dira ceste office du mistere de la passion Jhesucrist.» ²². Será necessário acrescentar a esta lista o ms. Cambridge, Museu Fitzwilliam, Fitzwilliam 61, ff. 74r-75r ²³, bem como o já referido ms. fr. 1869, de que P. Meyer transcreve também alguns excertos ²⁴. Deve reconhecer-se, contudo, que as próprias características deste tipo de oração não permitem muitas vezes distinguir com clareza as refundições de uma mesma redacção de uma redacção independente. É possível, pois, que outros manuscritos, sem prólogo ou com um prólogo diferente do das Horas de João XXII, possam ser eventualmente referidos também a esta redacção latina. Penso em San Marino (California), Huntington Library, HM 1129, ff.81v-82v ²⁵; e em Manchester, John Rylands University Library, fr. 143, ff.82v-87v ²⁶.

A oração que antecede o tratado dos doze frutos da Eucaristia não pode, contudo, ser relacionada com nenhuma destas traduções (cf. Quadro III). Tendo em conta as versões francesas conhecidas actualmente, deverá, pois, ser considerada como uma tradução independente, ganhando consistência a hipótese de o compilador ter seguido directamente um modelo latino.

Pode concluir-se que o responsável pela versão dos *Tratados cartusianos* transmitida tanto pelo ms. Paris, BnF, fr. 1882, como pelo *Castelo Perigoso*, age simultaneamente como compilador e tradutor. Tratar-se-ia de um clérigo? De um monge? Com as escassas e contraditórias informações que temos, qualquer das hipóteses é verosímil. Os manuscritos francês e português que nos dão testemunho do texto circularam em meio monástico: o primeiro pertenceu a uma freira do Hospício de Beaune ²⁷, o segundo provém de Alcobaça. Não é possível, contudo, esquecer que a refundição do *Chastel périlleux* que corresponde

²¹ Jean Sonet, *Répertoire d'incipit de prières en ancien français*, Genève, Droz, 1956.

²² A. Långfors, «Notice du ms. français 24436», *Romania*, 41, 1912, p.235.

²³ Keith V. Sinclair, *Prières en ancien français: nouvelles références, renseignements complémentaires, indications bibliographiques, corrections et tables des articles du «Répertoire» de Sonet*, Hamden, Archon books, 1978, n^o976.

²⁴ *Daurel et Beton*, p.cxi. Meyer transcreve parte da estrofe inicial e da referente à hora de prima.

²⁵ Cf. Keith V. Sinclair, *French Devotional Texts of the Middle Ages. A Bibliographic Manuscript Guide. Second Supplement*, New York-Westport-London, Greenwood Press, 1988, n^{os} 6667, 5392, 5562, 5393, 5390, 5586, 5387; *incipit* (n^o6667): «Sire Jhesucrist, filz le Dieu vif, met ta passion, ta crois et ta mort entre ton jugement et mon ame...».

²⁶ Cf. Keith V. Sinclair, *French Devotional Texts... Second Supplement*: n^{os} 5635, 6455, 5391, 5394, 5388, 5389, 5395, 5385, 5384; *incipit* (n^o5635): «Dieu, ma bouche euvre et je dira [sic] / Ta loenge et aniuncera. / Biau dieu, entens a mon aye / Haste toy, Dieu, et sy m'aïe.»

²⁷ Assim o indica o cólôfon no f. 97 v, no qual termina a transcrição dos vários tratados que constituem a versão refundida do *Chastel périlleux*: «Ce livre est a seur Otheline Heliote native d'Ostun qui le trouvera ou empruntera si lui rende pour amour de Dieu / ou es autres seurs du grant hostel Dieu de Beaune / car on n'a riens en l'autruy il fault rendre ou la mort d'enfer attendre.» Assinatura: S. Otheline (*apud* M. Brisson, na introdução à sua edição do *Chastel périlleux*, p.34).

ao corpo principal da obra conferiu a este texto, que visava inicialmente um destinatário bem preciso constituído por Soror Rose e pelas suas companheiras de convento, contornos menos rigorosos: a rasura do que, no tratado de frère Robert, visava especificamente a vida consagrada feminina alargou a função comunicativa do texto a um público leigo (cf. *supra*), sem o tornar incompatível com a destinação religiosa primitiva. O facto de a versão refundida ter regressado, após este processo de descaracterização, ao público monástico a que anteriormente se destinava tende a provar a escassez de exemplares disponíveis para cópia de textos de edificação moral e religiosa. Face a uma procura intensa, motivada pelo desenvolvimento de uma concepção mais pessoal da vida espiritual, de que dá igualmente testemunho uma arte de reduzidas ou médias dimensões, destinada ao uso individual, particularmente em voga nos séculos XIV e XV²⁸, tal escassez excluiria toda e qualquer possibilidade de escolha: daí que os textos circulassem independentemente da função social e comunicativa neles inscrita pelo seu autor, refundidor ou tradutor, o que torna impossível que apenas a partir desta se possa identificar a recepção efectiva de um determinado texto, mas apenas o seu destinatário original.

²⁸ Cf. Georges Duby, *Art et société au Moyen Age*, Paris, Seuil, 1997 (1ª ed.: 1995), pp.91-96.

QUADRO I
Benefícios da Eucaristia

	PARIS, BNF, FR. 1882 ¹	ARBOR BONA...	EX UTRAQUE PARTE...
1º	... necite et sanna lame de pechie.	... sanc lame qui est malade depechie.	... sanatio et mundatio animarum.
2º	... assout de la paine acquise par le peche.	... desloie lame de pechie et de painne.	... absolvit a reatu pene debite.
3º	... arme et garnit lame.	... restore ce que perdu estoit. ²	... munit animam, et premunit contra instantes temptaciones.
4º	... puriffie lame des importunes et mauvaises cogitations et deshonnestez et ordez affections.	... pureffe le cuer.	... purificat animam ab importunis cogitationibus et inhonestis affectionibus.
5º	... retroire et recouure ce que on a perdu par pechie.	... garnist lame.	... restitucio perditorum.
6º	... ainsy comme la viende de char enforçit plus le corps domnie amsy ce pain de vie conforme conforte.	... conferme lame.	... sicut cibus carnis corpus corroborat, sic panis iste cor hominis confirmat.
7º	... commanssacion de micux.	... muc lame.	... in melius commutatio.
8º	... fait rauiver les biens qui estoient mors par pechie.	... donne vie.	... mortua vivificat.
9º	... fait mouvoir et ouire lame scion la volente de dieu et non mie scion la sensualite et la char.	... donne legierete de coraige.	... moveri facit animam secundum voluntatem christi, non secundum motum sensualitatis vel fomitis.
10º	... cil et celles qui le recoivent entrant en la confraternite du saint esprit et de tous les sains de paradis.	... on acompaigne lame ale confranc du saint espiz et a tous les biens confait en ciel et enierre.	... fideles per hoc sacramentum intrant in confrariam spiritus sancti.
11º	... donne deslices spiritueux au cuer nest et douot.	... donne delices que cil sentent que dignement le prendent.	... dat delicias mundo palato cordis.
12º	... preparacions ala gloire pardurable et li adeption et possession dicelle gloire.	... donne vie permenable.	... et preparatio ad gloriam et eius adeptio.

¹ Não se verificam ao nível da formulação dos benefícios da Eucaristia diferenças significativas entre as várias versões do sermão *Arbor bona*. Tanto no que respeita ao sermão *Arbor bona* como ao tratado da versão do *Chastel* transmitida pelo ms. Fr. 1882 sig o texto editado em Boeren, *Guiard de Laon...*, respectivamente pp.310-319 e 341-344. Apenas recorro ao manuscrito para os trechos inicial e final, não transcritos por Boeren. As variantes entre as várias versões do sermão *Arbor bona* não revelam qualquer pertinência para a colação dos dois textos.

² Recordo que a ordem dos 3º e 5º frutos se acha invertida neste sermão.

QUADRO II
Auctoritates citadas

	PARIS, BnF, FR. 1882	EX UTRAQUE PARTE...	ARBOR BONA...
1º. Ambrósio, De sacramentis, lib. IV, cap. 6, num. 28 (PL, 16, col.464)	Je doy ajoute vrayc foy pour quoy mecz pechiez me soient pardonnez qui chascun jour peche chascun jour doit prendre medicine.	Debeco semper istud accipere, ut michi semper peccata dimittantur. Qui semper peccoco, semper debeo accipere medicinam.	Poureec que ic pecche souuent le pnieie souuent.
2º. Ps. 103,15)	le pain voire de ce sacrement conforme et conforte le cuer de lomme et de la femme.	Panis iste cor hominis confirmat.	Panis cor hominis confirmat.
3º. Agostinho, Confissões, lib. VII, cap. X	Je suis viande des grans cest adire par lou uez hennres deuient grant si me mangeras mais tu ne me mangeras mie aussy comme la viande de ta char ains seras mie en moy qui suis la refeccon de ton ame.	Cibus sum grandium, cresco et manducabis me; non tu me mutabis in te, sicut cibum carnis tue, sed tu mutaberis in me.	cibus sum grandium. Jesui dist nostre sires mangieres de grans. Croi si mangeras mais ne me mueras pas entoi si comme le maingier de la char ancois seras mie enmoi.

QUADRO III
Traduções francesas das horas da cruz do Papa João XXII

PARIS, BNF, FR. 1882	PARIS, BNF, FR. 566 ¹	HORAS DA CRUZ DO PAPA JOÃO XXII ²	PARIS, BNF, FR. 1869 (VERSÃO LATINA)	PARIS, BNF, FR. 1869 (VERSÃO FRANCESA)
Toy ³ aurons, Ihesus, et loons ⁴ car le monde rachata(s) par la croix ou pendy... (f. 51r)	Nous te aurons en vennerence, / Vray Dieu Ihesus Crist [...] / Car par ta croix, sans faire offence, / Achetas le monde tray... (f. 1r)		Adoramus te, Christie, et benediximus tibi, quia per sanctam crucem redemisti mundum... (f. 8v)	Nous te adorons, Crist, accete leur ⁵ / De loy tout bien voulons dyre, / Par ta sainte croix sans demeurre / As rachette le monde, Sire... (f. 8v)
Ihesus, dous sire, la vraie sapience que on appelle divine, verite qui Dieu et homme est... (f. 51r) ³	Ihesus, qui es la sapience / De Dieu le Pere glorieux, / Verite en diuine essence, / Dieu puissant, homme gracieux... (f. 1r)	Patris sapientia, / veritas diuina, / Deus homo captus est hora matutina...	Patris sapientia, veritas diuina, Deus homo captus est hora matutinas... (f. 8r)	On Pere eternel sans doublance, / Ihesus Crist, nostre redempteur, / Appelle brave sapon-cc/ Comme larron seduc-leur / De verite diuine docteur / Dieu et homme... (f. 8r)
Nostre Sire Ihesus Crist, filz de Dieu le tout puissant, mettez vostre passion, vostre croix et vostre mort en[tre] voz jugement et mon ame... (f. 51r)	A prime fut droit a Pylate / Ihesus mene et bien guerroye, / Mais il n'y a qui son plait debats, / Par faulx tesmonys fut accuse... (f. 1v)		Domine Ihesus Christie, filii dei viui, pone passionem, crucem et mortem tuam inter iudicium tuum et animam meam... (f. 8v)	Sire Ihesus, filz du vray Dieu viuant, / Metz, si te plait, la passion et croix, / Ausy la mort, loy qui est tout scauant / Entre mon ame, que ne souffre destrroys, / Et ta sentence, car juge es le croix... (f. 9r)
A prime fus monc devant Pilate et dez ⁶ juitz auzez fau-sement ⁷ ... (f. 51r)	A prime fut droit a Pylate / Ihesus mene et bien guerroye, / Mais il n'y a qui son plait debats, / Par faulx tesmonys fut accuse... (f. 1v)	Hora prima ductus est Iesus ad Pilatum, / Falsis testimoniis / multum accusatum...	Hora prima ductus est Ihesus ad Pilatum, falsis testimoniis multum accusatum... (f. 9r)	A prime Ihesus a Pylate / Mene iust et moim accuse / ycelluy depose... (f. 9v)
A midy fut en la croix estandu, et de grant clous sa doulice charmeure ont per-ciez, et deux larrons on aveques luy pendus... (51 v)	A droit midy fut drece / La croix pour Ihesus esandre, / De coux de fer poignans perce / fut sa chair digne, blanche et tendre, / entre larrons de male vie / Conuint le saint Innocent pendre... (f. 3v)	Hora sexta Iesus est / cruci conclavatus / Et est cum latronibus / pendens deputatus...	Hora sexta Ihesus est cruci conclavatus, atque cum latronibus pendens deputatus... (f. 10v)	A snte Ihesus en la croix / Fu atache par les bourreaux, / A gros clous fermement le croix / Aucques deux larrons desloyault... (f. 10v)
Ihesus a nome la sainte ame rendi et a haulc cri l'a a Dieu commendee... (f. 51v)	A nome, par mortel destresse, / Ihesus en souspirant cria, [...] / Dieu le pere humblement pria... (ff. 4r-v)	Hora nona Dominus Iesus exspiravit, / Heli clamans animam / patri commendavit...	Hora nona Dominus Ihesus exspiravit, hely clamans animam patri commendavit... (f. 11v)	A nome Ihesus expyra / Et moumt en croix pour humanite, / Mais le saint espyr Ihsypra / Qui crya hely en dntre / Au pere lame en securre / Commanda... (f. 11v)

¹ Segundo indicação do próprio manuscrito, este pertenceu a Carlos VIII e a Luis XII: cf. Leroquais, *Les Livres d'heintre manuscrits de las Bibliothèque nationale*, Paris, 1927, p. 293. A versão do ms. Paris, BNF, fr. 24436 acha-se muito próxima deste texto, com a diferença que, aí, os versos iniciais são precedidos do *incipit* da versão original latina: «Patris sapientia veritas divina».

² Sigo a edição de Clemens Blume e Guido M. Dreves, *Analecta Hymnica Medii Aevi*, t. 30, pp. 22-33, a qual não inclui, contudo, duas estrofes de prólogo que, noutras versões, entre as quais a do ms Paris, BNF, fr. 1882, introduzem momentos de um diálogo com Cristo na rememoração da sua Paixão.

³ A matúscula oferece dificuldades de interpretação: proponho esta leitura, ainda que com reservas, pois parece-me ser a mais provável tendo em conta o contexto e as outras versões.

⁴ Ms. *loone*.

⁵ A ordem das duas estrofes iniciais acha-se invertida em relação à versão dos mss. fr. 5661 e 1869.

⁶ Ms. *lez*.

⁷ Ms. *faurement*.